

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

1 e 5 de Fevereiro de 2024

50 ANOS DE ABRIL: O QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Comunidade

BEND OF THE RIVER / 1952 Jornada de Heróis

Um filme de Anthony Mann

Argumento: Borden Chase, baseado no romance "Bend of the Snake", de Bill Gullick (1950) / *Diretor de fotografia (35 mm, Technicolor):* Irving Glassberg / *Direção artística:* Bernard Herzbrun e Nathan Juran / *Montagem:* Russel Schoengarth / *Som:* Leslie Carey e Joe Lapis / *Música:* Hans J. Salter / *Intérpretes:* James Stewart (*Glyn McLyntock*), Arthur Kennedy (*Cole Garrett*), Rock Hudson (*Trey Wilson*), Jay C. Flippen (*Jeremy Baile*), Julia Adams (*Laura Baile*), Lorie Nelson (*Marjie Baile*), Chubby Johnson (*Capitão Mello*), Stepin' Fetchit (*Adam*), Henry Morgan (*Shorty*), Howard Petrie (*Tom Hendricks*), Frances Bavier (*Mrs. Prentiss*), Jack Lamber (*Red*), Royal Dano (*Long Tom*), Frank Chase (*Wasco*), Cliff Lyon (*Willie*), Frank Fergusson (*Tom Grundy*).

Produção: Aaron Rosenberg, para a Universal / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas em espanhol e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 91 minutos / *Estreia mundial:* Portland, 23 de Janeiro de 1952 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Império), 22 de Outubro de 1952. Apresentado pela primeira vez na Cinemateca Portuguesa a 3 de Julho de 1995, no âmbito do ciclo "Western".

Anthony Mann morreu em 1967 e foi preciso que se passassem mais de trinta anos para que o seu nome deixasse de flutuar num território incerto, que o colocava numa posição intermediária entre o competente artesão e, senão o *autor* no sentido que lhe deu a crítica francesa (Mann foi um dos nomes de envergadura a terem sido esquecidos pela *politique des auteurs*), pelo menos um mestre do cinema de género. Na verdade, ele começou por ser um competente artesão e com o passar dos anos tornou-se um mestre, dando uma identidade própria a filmes de género e realizando uma obra ao mesmo tempo pessoal e impessoal: uma obra típica do cinema clássico americano. A sua carreira seguiu um itinerário bastante lógico: filmes de custo baixíssimo nos anos 40, em que sobressaem pequenas jóias de série B; o apogeu nos anos 50, marcado por uma gloriosa série de *westerns*, para os quais dispõe de meios importantes: estrelas, grandes argumentistas e grandes diretores de fotografia; uma aventura nas superproduções Bronstein, em Espanha, em início dos anos 60, da qual saiu ileso, contrariamente a Nicholas Ray, cuja carreira se esboroou na mesma época e nas garras do mesmo Bronstein; e produções internacionais em meados do mesmo decénio, até à súbita morte, em Berlim, em meio às filmagens de **A Dandy in Aspic**, que foi completado pela vedeta do filme, Laurence Harvey. Um total de 39 filmes, que além de *westerns* inclui *filmes negros*, musicais, filmes de tema "histórico", um *biopic*, filmes policiais, aventuras antigas, *thrillers* paranóicos, filmes de guerra. O seu prestígio crítico repousa, muito justificadamente, nos dez *westerns* que realizou na década de 50, sobretudo os cinco filmes protagonizados por James Stewart: **Winchester 73**, **Bend of the River**, **The Naked Spur**, **The Far Country** e **Man from Laramie**. Do ponto de vista formal, moral e ideológico, são os *westerns* mais diferentes dos de John Ford que se possa imaginar. Nos *westerns* de Mann não há o culto das forças armadas (pelo contrário, como se vê em **The Last Frontier**), os heróis não são super-homens (basta comparar a linguagem corporal de John Wayne com a de James Stewart), são de uma profunda ambiguidade moral e a *mise en scène* nada tem de enfática (um filme crepuscular como **Man of the West** parece prenunciar o fim do género). Por estes motivos, Mann não corre o risco de atingir "uma perfeição um tanto rotineira", segundo a pérfida e memorável fórmula de Georges Sadoul a propósito dos *westerns* de grande maturidade de Ford, feitos nos anos 40 e 50.

Em **Bend of the River** não se trata de mostrar a "conquista do Oeste", mas o destino de um grupo de famílias. Trata-se do quarto *western* de Mann e o segundo da série que fez com

James Stewart. É também o seu primeiro filme a cores. Em 1952, realizar um filme a cores era um sinal de prestígio para um realizador e efetivamente com **Bend of the River** Mann passou a uma categoria superior, em todos os sentidos da expressão. Com o seu sentido do espaço e da luz e uma capacidade rara de dar uma expressão visual a conflitos interiores, Mann usa com absoluta mestria magníficas paisagens naturais das montanhas do Oregon. **Bend of the River** narra a história de um grupo, do qual sobressaem dois indivíduos cujo passado tem sombrias similaridades, como em outros *westerns* seus. Mann narra sem interlúdios nem intrigas secundárias e encontra brilhantes soluções para situações típicas do género. Por exemplo: na sequência do ataque dos índios, ao invés de mostrar o clássico *raid*, com tiroteios e guerreiros ululantes, Mann prefere um combate noturno e silencioso, cujo *suspense* é dado pela banda sonora; em vez de uma batalha, temos uma luta corpo a corpo, que reforça a aliança entre dois homens que têm muito mais em comum do que o espectador pode supor. A perseguição de um grupo por outro, numa fuga para a frente, que é outra situação clássica do *western*, também é tratada de forma peculiar, pois os perseguidores não tardam a ser dizimados e a situação é invertida quando o perseguido transforma-se em perseguidor. Mann também evita o maniqueísmo moral típico do cinema hollywoodiano: o personagem de Arthur Kennedy está longe de ser um "mau" típico e o passado do personagem de James Stewart não faz dele um santo. Glyn e Cole são, de certa forma, as duas faces de um mesmo personagem, mas só até certo ponto, pois ambos têm uma segunda oportunidade mas fazem escolhas diferentes. Num movimento insólito para um personagem de Mann, Glyn abandona a vida errante e solitária e escolhe o ideal agrário e sedentário, preferindo "*a big thank you*" a alguns milhares de dólares.

Além de ser um objeto complexo e anti-convencional, **Bend of the River** talvez seja, com **The Far Country**, o *western* de Mann em que a presença da natureza é mais marcante, o que não surpreende num filme que opõe constantemente a natureza e a sociedade, com a transformação da pacífica cidade de Portland num verdadeiro inferno depois da descoberta de ouro na região, o que se reflete na transformação de uma jovem pioneira em trabalhadora de *saloon*, ou seja, em prostituta. Sem jamais assumir a forma de uma parábola, o filme conta uma história sobre a perda da inocência e sobre a vontade de construir e conquistar um mundo ideal, a vontade de recomeçar a partir de zero. **Bend of the River** mostra duas vezes o mesmo périplo, numa estrutura circular, composta por dois semi-círculos: primeiro, a viagem do grupo de cem pioneiros, quando esta chega a termo; e depois o mesmo percurso feito por outro grupo, em meio a grandes dificuldades, sempre causadas pelo homem, nunca por causas naturais. Esta viagem não segue um movimento horizontal, pois se desenrola numa região de montanhas: é uma ascensão, com todas as conotações de esforço e conquista que um movimento de ascensão contém.

A presença da natureza marca ainda dois dos mais belos momentos do filme: a luta final entre Glyn e Cole dentro do rio, filmada de modo a que o espectador tenha alguma dificuldade em distinguir os dois homens e que se termina bruscamente, numa morte sem sangue nem agonia, com o corpo de Cole arrastado pelo rio (compare-se a simplicidade desta sequência, com o brilhante virtuosismo de outra luta de morte num rio em outro *western* de Mann, o final de **The Naked Spur**); e o plano final, despojado de qualquer ênfase ou grandiloquência, em que a comunidade de colonos desfila atrás de Glyn até sair do campo de visão da câmara. Num movimento concêntrico, depois do grupo humano é mostrado aquilo que é mais vasto, o mundo e na breve imagem final vemos o majestoso cenário de vales e montanhas. Foi pensando em filmes como **Bend of the River** que Jacques Lourcelles escreveu que "*a partir de começos dos anos 50, o western pode contar toda a história do homem*".

Antonio Rodrigues